

REAL PERDE FORÇA

Pressão do dólar atinge juros pagos pelos consumidores nas compras de carros da Volks e nos pedidos de empréstimos ao Bradesco. Indústrias aumentam os preços de aparelhos de TV e DVDs em 4% e pão de 50 gramas pode subir 12%

# A crise chega ao seu bolso

Flávia Filipini  
Da equipe do Correio

O medo de que a Argentina não pague parte de suas dívidas fez a cotação do dólar bater novo recorde no Plano Real. A alta de 1,12% ontem levou o dólar comercial a encerrar os negócios vendido a R\$ 2,26. Nestes primeiros meses de 2001, o valor da moeda norte-americana subiu 15,83%. Trata-se de uma forte desvalorização do real, pois em todo o ano passado a moeda norte-americana acumulou alta de 8%. Uma perda de valor desse tamanho não deixa o consumidor impune.

A pressão do dólar está chegando aos preços de aparelhos de TV e aos DVDs, aos financiamento das vendas de carros e ao crédito direto ao consumidor, aquele oferecido pelos bancos para clientes que querem fazer alguma compra. Os efeitos aparecem justo agora, às vésperas do Dia das Mães, a segunda melhor data para o comércio, só perdendo para o Natal. As financeiras — que prestam serviço para a grandes redes de lojas como Arapuã e Ponto Frio — ainda não se mexeram, mas estão fazendo as contas para definirem-se os juros do crediário subirão agora. As agências de turismo apostam que as viagens das próximas férias serão em grande parte para dentro do país porque ninguém vai querer despesas em dólar.

Para comprar carro o custo do dinheiro já subiu. A Volkswagen anunciou ontem que a taxa para financiamentos em 36 meses, com 50% de entrada, subiu de 1,99% para 2,09% ao mês. A variação geral das taxas dos Banco Volks subiu de 1,99% a 2,09% para 2,09% a 2,19% ao mês. Mas a Ford, tentando ganhar mercado, optou por diminuir suas taxas. Os juros para a compra dos modelos Ka e Fiesta caíram de 1,99% para 0,75% ao mês, mas há um detalhe: só para quem conseguir pagar 50% do valor de entrada e com financiamento em 24 meses e não 36 meses.

No Bradesco, o Crédito Direto ao Consumidor (CDC) para compra de veículo hoje tem taxas que variam de 2,20% (com 50% de entrada) a 5,40% ao mês. Na semana passada os juros estavam entre 2,05% e 5,40%. “Há aumentos agora, mas os maiores reflexos no consumo serão sentidos a médio prazo”, avalia o economista Luís Carlos Ewald, da Fundação Getúlio Vargas. Em resumo, a situação pode piorar para o consumidor. Sinal disso são as alterações de preços anunciadas pela indústria.

A Semp-Toshiba e a Philips, as duas maiores concorrentes do segmento de áudio e vídeo, informaram que reajustaram em 4% os produtos destinados às vendas dos Dia das Mães. Na LG, também fabricante do setor, a alteração foi de 3%. Os acréscimos atingiram, segundo as indústrias, aqueles produtos que têm em média 75% de seus componentes importados, como televisores e DVDs. Segundo a assessoria da Philips, um novo aumento, também de 4%, está previsto para o segundo semestre.

“O consumidor pode ter certeza que todos vão repassar aumentos de juros e preços. Parte dessa subida não seria necessária, mas indústria e co-

mércio se utilizam do efeito psicológico do momento”, avalia o economista Miguel Ribeiro de Oliveira, consultor especialista em crédito. Na opinião dele, serão as pessoas de renda mais baixa (classes C, D e E) que sofrerão as piores consequências. “Elas compram mais em crediário e prestam atenção apenas no valor da prestação. Com a redução dos prazos e aumento da mensalidade, haverá uma retração nos segmentos de eletros”, prevê.

Ele ainda adverte que diante da turbulência econômica, muita gente teme perder o emprego, o que pode esfriar as compras. “Algumas empresas já anunciaram redução nos investimentos para este ano. Isso significa menos empregos”. Ele diz que comerciantes paulistas que estimavam vendas no Dia das Mães entre 20% e 30% maiores do que as do ano passado estão agora se contentando em comercializar a mesma quantidade de 2000.

Essa é a expectativa também no Rio de Janeiro. O coordenador de pesquisas da Federação do Comércio do Rio, Paulo Bruck, lembra que em maio do ano passado a taxa de juros era superior às praticadas atualmente e, nesse período, houve aumento do emprego. “Devemos repetir o desempenho do Dia das Mães de 2000”, estima. No DF, os comerciantes estão mais otimistas. O presidente da Associação Comercial, Carlo Magno, aposta na criatividade dos setor para aumentar as vendas deste ano. “Esse novo cenário irá afetar o comércio, mas vamos combater com novas e ousadas promoções”, garante. No Sindicato do Comércio Varejista do DF, a previsão é que as vendas de maio terminem com um desempenho entre 3,8% e 5% acima dos números do ano passado. Em 2000 as vendas do Dia das Mães no DF foram 6% maiores que as de 1999.

**PÃO DE SAL**

Os efeitos da crise não pararam no Dia das Mães e podem ter efeitos duradouros. O pãozinho de sal, aquele de 50 gramas que se compra todo santo dia, pode ficar mais caro. Pelos cálculos do sindicato que reúne as panificadoras do Distrito Federal, os moinhos de farinha de trigo, matéria-prima do pão, aumentaram seus preços na semana passada em 11,2%. O valor do saco de 50 quilos subiu de R\$ 37,50 para R\$ 41,70.

Cerca de 80% da farinha consumida do país é importada, comprada da Argentina. Hoje, o preço do pão de 50 gramas varia de R\$ 0,15 a R\$ 0,18 no DF. Mas esses números podem se transformar em valores do passado, se os moinhos reajustarem novamente. “O preço do pão pode subir R\$ 0,02 (dois centavos) se houver novo aumento. O reajuste ficaria na faixa de 12%. As padarias estão absorvendo muito reajuste de custo”, explica o presidente do sindicato, Jaime Alarcão.

Ele lembra que do início do ano para cá o valor do fermento — outra matéria-prima do pão — subiu 28%, enquanto o preço da tonelada do trigo no mercado externo passou de US\$ 105 para US\$ 134. “Isso sem contar o aumento do preço de energia e o salário mínimo dos funcionários”, acrescentou.



## FIQUE POR DENTRO

**Porque o Brasil está sendo afetado pela crise na Argentina?**

Assim como a Argentina, o Brasil faz parte de um conjunto de países em desenvolvimento chamados de emergentes. Quando um dos membros desse grupo está para quebrar, todos os seus sócios também são observados pelos investidores com grande atenção. Como o Brasil tem uma saúde financeira frágil, os investidores temem que país acabe seguindo o caminho da Argentina. Para se proteger de um eventual calote, compram dólares, vendem ações de empresas brasileiras ou títulos do governo. O resultado é o aumento do câmbio e a queda na bolsa de valores

**Quais são os principais problemas financeiros do Brasil?**

O maior deles são as contas externas, isto é, a dificuldade brasileira de conseguir dólares para pagar as dívidas internacionais. Mas há outros, como falta de planejamento da expansão industrial e ausência de reformas constitucionais, como a tributária. Pesa também o forte endividamento externo e interno do país.

**Por que o país não consegue equilibrar as contas externas?**

Porque o Brasil ainda exporta muito pouco. É das exportações que vem uma parte dos dólares para o pagamento das dívidas externas. Do início do ano até o dia 22, as importações superaram as vendas externas em US\$ 542 milhões. A soma dos rombos nas contas internacionais, chamadas de transações correntes, deverá chegar neste ano a US\$ 27 bilhões, de acordo com estimativas do Fundo Monetário Internacional. Esse número é visto pelos investidores como muito elevado.

**Como a falta de planejamento industrial afeta as finanças do país?**

Esse problema também diminui as exportações do Brasil, que deveria vender para o exterior muito mais e reduzir as importações. O colapso da produção nacional de energia é um dos sintomas mais claros do precário planejamento da expansão industrial. No ano passado, por exemplo, o setor de eletroeletrônicos registrou uma vantagem das importações sobre as exportações de US\$ 6,7 bilhões. Se o país tivesse muitas fábricas de componentes para televisores, DVDs e computadores, esse buraco externo seria bem menor.

**Por que os investidores ficam apreensivos com a elevada dívida do governo?**

Quando o governo aumenta suas dívidas interna e externa, os credores ficam preocupados porque sobem as chances de o país não pagar parte de seus débitos. Em março, a dívida pública líquida (descontadas as reservas em dólares) chegou a R\$ 575 bilhões, 49,9% do produto interno bruto, um número superior aos 46,5% do PIB fechados no acordo com o FMI para 2001.